

Os primeiros dias de vida são uma fase crítica para o desenvolvimento do sistema nervoso central, e intervenções nesse período repercutem em modificações comportamentais e endócrinas que persistem na fase adulta. Ratos manipulados no período neonatal aumentam a atividade exploratória central no modelo do campo aberto, o que sugere que a manipulação neonatal (MN) reduz os comportamentos de defesa destes animais na vida adulta. Entretanto, respostas defensivas podem ser observadas em diferentes situações, ativando sistemas cerebrais com características distintas e respondendo a diferentes fármacos utilizados nos transtornos de ansiedade. Neste contexto, o labirinto em T elevado (LTE) foi elaborado para gerar dois tipos de comportamento defensivo em um mesmo rato, esquiva inibitória e fuga. Neste modelo, drogas ansiolíticas prejudicam a esquiva, enquanto que o tratamento crônico, porém não agudo, com os antidepressivos inibe a fuga. Tal perfil farmacológico, aliado a outros achados neurobiológicos, sugerem que as respostas de esquiva nesta tarefa mimetizem um modelo de ansiedade, enquanto que a resposta de fuga, um modelo de pânico. Portanto, o objetivo deste trabalho foi avaliar as alterações comportamentais em ratos adultos que sofreram MN no LTE. Para isso, ratos Wistar foram manipulados no período neonatal (DPN 1-10), formando os grupos: macho manipulado (MM, n=10) e fêmea manipulada (FM, n=9). A manipulação consistiu em manter os filhotes separados de suas mães em uma incubadora a 32°C por 10 minutos. Durante este período, outros animais permaneceram com as suas mães sem nenhum tipo de manipulação até o desmame e formaram o grupo macho controle (MC, n=8) e fêmea controle (FC, n=8). Aos 90 dias os animais foram submetidos aos testes do LTE, um modelo derivado do labirinto em cruz elevado, pela obstrução da entrada de um dos braços fechados. Cada animal foi colocado no final do braço fechado do LTE e o tempo necessário para sair deste braço pela primeira vez foi registrado e adotado como Linha de Base. Em seguida, duas novas medidas, com intervalos de 30 s, foram tomadas (Esquiva 1 e Esquiva 2). Após 30 s, cada animal foi colocado no final do braço aberto e o tempo necessário para sair deste braço foi registrado. Em seguida, duas novas medidas (Fuga 2 e Fuga 3), com intervalos de 30 s, foram tomadas. Anova de medidas repetidas ($p < 0,05$) mostrou que os animais adquiriram a esquiva inibitória aos braços abertos ao longo das tentativas [$F(2, 62) = 28,19$]. Foi observado ainda diferenças entre os grupos no fator gênero [$F(1, 31) = 9,44$], na interação do fatores gênero e manipulação [$F(1,31) = 7,48$] e interação entre os fatores gênero, manipulação e repetição [$F(2,62) = 5,42$]. O teste pos-hoc de Newman-Keuls demonstrou que o grupo FM apresentou uma redução na respostas de esquiva 2 ($68,33 \pm 39,31s$) quando comparadas como os grupos MM ($259,80 \pm 27,25s$) e FC ($250,25 \pm 35,60s$). Não foram encontradas diferenças entre os grupos na resposta de fuga. O conjunto dos resultados sugere que as fêmeas manipuladas no período neonatal apresentam um comportamento do tipo ansiolítico no LTE e a MN não altera as respostas de fuga neste modelo.